

A GUERRA DA SUCESSÃO DE ESPANHA

Nuno Gonçalo Monteiro

DIPLOMACIA E GUERRA: ANTECEDENTES DA PARTICIPAÇÃO PORTUGUESA²⁵⁷

A ENTRADA DE PORTUGAL na Guerra da Sucessão de Espanha ao lado da Grande Aliança foi antecedida de várias oscilações de opção política que importa destacar. A antevisão do próximo falecimento de Carlos II de Espanha sem sucessores precipitara uma Europa dividida entre as tentativas hegemónicas da França no continente e as alternativas cada vez mais protagonizadas pelas potências marítimas, Holanda e Inglaterra, em particular, numa notória turbulência diplomática. Entre os vários pretendentes à Coroa e as diversas potências interessadas na herança espanhola desenham-se múltiplos projectos, incluindo a divisão dos territórios europeus e extra-europeus daquela monarquia. Quando finalmente faleceu Carlos II em Novembro de 1700 e foi anunciado o seu derradeiro testamento que nomeava como sucessor em primeira mão Filipe de Bourbon, duque de Anjou, modificou-se o cenário europeu.

Contrariando os projectos de partilha que quais antes se envolvera, Luís XIV acabaria por aceitar os termos do testamento que colocavam o seu neto secundogénito como herdeiro integral da monarquia espanhola (Filipe V) e dos seus múltiplos territórios europeus (que fora da Península incluíam a Sardenha, a Sicília, Nápoles, o grão-ducado de Milão e os Países Baixos espanhóis) e extra-europeus. Este entrará em Espanha no início de 1701, ao que responderá mais tarde o imperador apresentando a candidatura do seu filho, o arquiduque Carlos. Em Setembro de 1701 a Inglaterra e a Holanda, que tinham aceite inicialmente o pretendente borbónico, firmarão a Grande Aliança que pretende impor à França o reconhecimento das pretensões imperiais apoiadas pela maior parte dos estados alemães e pela Dinamarca. Procurava-se assim impedir a França de reforçar o poder continental com poder marítimo. A explosão da guerra em várias frentes em 1702 será antecedida de algumas manobras provo-

catórias e de uma intensa actividade diplomática através da qual se procurava concitar o apoio para o lado de cada uma das partes beligerantes²⁵⁸.

Muito antes da morte de Carlos II, Portugal mergulhara já na actividade diplomática e até nas contingências de um eventual novo confronto militar. Nas negociações com a França sobre o assunto previa-se até a anexação por Portugal de Badajoz e Alcântara. Mas a ocorrência daquele evento veio precipitar os acontecimentos. Desde o início que o principal partidário da aliança francesa, muitas vezes usado como mediador diplomático para o efeito, era o velho 1.º duque de Cadaval; é ele quem combate todas as hesitações e quem, contra a opinião dos restantes membros do Conselho de Estado, convence D. Pedro a firmar

Luís XIV (1638-1715).

